

INTOLERÂNCIA

OFICIAIS de Marinha que se diplomaram pela Escola de Guerra Naval mandam-me cópia do trabalho de um colega sobre Política Internacional. Esse trabalho desagradou de tal maneira à direção da E.G.N. que o oficial, que é médico, teve nota zero e foi impedido de diplomar-se.

Li com atenção o escrito; para trabalho feito em uma quinzena ele me parece muito bom. Tem, naturalmente, pontos discutíveis, e eu mesmo discordo aqui e ali do autor; mas é algo feito com honestidade e vontade de acertar. O almirante que lhe deu zero demonstrou uma intolerância injustificável; julgou um ponto-de-vista e não um trabalho de documentação e argumentação. Creio que não é esse o espírito que deve orientar um curso da importância da E.G.N., e que um rigor tão injusto não pode criar o clima de debates, de compreensão, de estudos que me parece essencial.

O assunto sobre o qual os alunos deveriam fazer uma exposição era este: «Em estudo da situação política mundial, apreciar a repercussão que sobre ela poderá ter a eventual criação de um Estado árabe unido, politicamente orientado para um neutralismo simpático ao bloco soviético».

É evidente que um tal assunto, dos mais complexos da conjuntura internacional, envolve temas essencialmente polémicos. A prova de que ele não é simples está na diferença de pontos de vista, a seu respeito, de potências do mesmo bloco, tal como os Estados Unidos, a França e a Inglaterra. O examinador deixou-se levar pela paixão política.

Essa mesma paixão, essa mesma intolerância vimos há pouco nos grupos que hostilizaram Nixon durante sua viagem a vários países da América do Sul. Nixon não me parece politicamente uma figura simpática e nos próprios Estados Unidos muitas e fortes restrições lhe são feitas. Se ele, entretanto, vai a uma Universidade falar aos estudantes e com eles discutir por que recebê-lo a pedradas e cusparadas. Sejam quais forem os ressentimentos que alguém tenha da política norte-americana em relação a nossos países (e eu, de minha parte jamais os calei), essa atitude selvagem e indigna não tem desculpa. O cafagestismo foi levado ao auge de insultar e cuspir a esposa de Nixon.

Que se pretende com isso? Uma violência tão grande só pode ser obra de provocadores conscientes ou inconscientes. Esses métodos nazistas não constroem nada. Quanto pior é a situação do mundo, mais necessário é o diálogo — a discussão aberta e franca de todos os problemas. E isso não é possível nem com o «zero» do almirante nem com as pedradas de Lima e de Caracas.

17/5/58